

O HUMOR ANTIDEMOCRÁTICO: POR QUE AS PIADAS DE BOLSONARO NÃO ERAM APENAS PIADAS?

Antidemocratic humor: Why Bolsonaro's Jokes Were Never Just Jokes?

El humor antidemocrático: ¿Por qué los chistes de Bolsonaro no eran solo chistes?

Daniel Kei Namise

Universidade Federal do Paraná

Curitiba - PR, Brasil

daniel.namise@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1173-5136> 

Resumo: O humor politicamente incorreto sempre fez parte do discurso de Bolsonaro. Por meio de piadas que humilhavam mulheres e membros da comunidade LGBTQIA+, Bolsonaro buscou manter a assimetria de gêneros e sexualidades. A partir desse contexto, este artigo, utilizando o método sociocognitivo da análise do discurso de Van Dijk (2018), busca compreender as estruturas de dominação presentes nas “brincadeiras” misóginas e homofóbicas do ex-presidente, discutindo como o humor pode ser usado para legitimar arranjos sociais excludentes. Os resultados revelam que as falas de Bolsonaro tendem a reafirmar uma posição de dominação social masculina que busca legitimar os privilégios de homens brancos heterossexuais na sociedade brasileira. Além disso, foi possível averiguar que os elementos presentes em tais piadas dialogam com as ações do governo. Dessa forma, o humor bolsonarista ajuda a construir retoricamente as estruturas de dominação em que a sociedade contemporânea está imersa.

Palavras-chave: Comunicação política. Bolsonaro. Humor.

Abstract: Politically incorrect humor has always been a part of Bolsonaro's discourse. Through jokes that humiliated women and members of the LGBTQIA+ community, Bolsonaro sought to maintain the asymmetry of genders and sexualities. In this context, this article, using Van Dijk's (2018) sociocognitive method of discourse analysis, aims to understand the structures of domination present in the ex-president's misogynistic and homophobic "jokes," discussing how humor can be used to legitimize exclusionary social arrangements. The results reveal that Bolsonaro's statements tend to reaffirm a position of male social domination that seeks to legitimize the privileges of heterosexual white men in Brazilian society. Additionally, it was possible to ascertain that the elements present in these jokes are consistent with the government's actions. Thus, Bolsonaro's humor helps to rhetorically construct the structures of domination in which contemporary society is immersed.

Keywords: Political communication. Bolsonaro. Humor.

Resumen: El humor políticamente incorrecto siempre ha sido parte del discurso de Bolsonaro. A través de chistes que humillaban a mujeres y miembros de la comunidad LGBTQIA+, Bolsonaro buscó mantener la asimetría de géneros y sexualidades. En este contexto, este artículo, utilizando el método sociocognitivo del

análisis del discurso de Van Dijk (2018), busca comprender las estructuras de dominación presentes en las "bromas" misóginas y homofóbicas del expresidente, discutiendo cómo el humor puede ser utilizado para legitimar arreglos sociales excluyentes. Los resultados revelan que las declaraciones de Bolsonaro tienden a reafirmar una posición de dominación social masculina que busca legitimar los privilegios de los hombres blancos heterosexuales en la sociedad brasileña. Además, fue posible verificar que los elementos presentes en dichos chistes dialogan con las acciones del gobierno. De esta forma, el humor de Bolsonaro ayuda a construir retóricamente las estructuras de dominación en las que está inmersa la sociedad contemporánea.

Palabras-clave: Comunicación política. Bolsonaro. Humor.

Introdução

No cotidiano, a percepção comum é que rir e as situações que provocam essa reação são intrinsecamente positivos, pois se tende a celebrar a habilidade humana de encontrar humor nas coisas (Billing, 2001). Muitos acreditam que o humor tem uma natureza inofensiva, e que piadas com conteúdo racista, misógino, homofóbico, entre outros, não têm o mesmo impacto psicológico e social que uma mensagem explicitamente odiosa (Moreira, 2019). Por essa razão, humoristas que fazem piadas sobre pessoas com deficiência, vítimas de estupro, entre outros grupos vulneráveis, frequentemente defendem suas piadas como expressões do "humor politicamente incorreto" e alegam que essas falas não refletem uma postura preconceituosa. No entanto, essa justificativa desconsidera vários aspectos do uso do humor e do riso.

Desde a Antiguidade, observou-se que o riso pode ser uma manifestação de superioridade, em que rir de alguém seria uma forma de humilhá-lo e expressar desprezo (Figueiredo, 2012). Bergson (2021) afirma que o riso envolve uma ausência de sensibilidade, pois a piada inevitavelmente fere seu alvo, revelando uma indiferença do autor em relação ao outro. Essa visão do humor e do riso ajuda a entender a existência de piadas de cunho racista, xenofóbico, machista, etc., pois quem ri dessas piadas tende a ver o objeto da graça como inferior (Wolff et al., 1934). Essa perspectiva sugere que o humor pode ser um instrumento de dominação. Ao fazer piadas sobre grupos socialmente vulneráveis, a pessoa não recorre à dominação física, socialmente inaceitável, mas reafirma sua superioridade por meio do riso, uma forma de dominação mais sutil e aceita (Figueiredo, 2012).

O problema é que não apenas humoristas utilizam esse tipo de humor e a justificativa de "foi só uma piada" quando questionados sobre o teor de suas falas. No campo político, vários atores reacionários adotaram esse argumento. Um exemplo marcante é o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), com uma retórica que mescla humor e discurso de ódio, Bolsonaro sempre atacou opositores e grupos específicos, especialmente mulheres e

membros da comunidade LGBTQIA+. No entanto, o que poderia ser visto apenas como expressões de misoginia e homofobia faz parte de uma lógica mais ampla.

Conforme Finchelstein (2019) explica, essas manifestações buscam restabelecer um ideal de masculinidade extremamente viril, e isso pode ser feito por meio do humor, pois uma declaração humorística pode servir como veículo para ideias que reafirmam uma posição de dominação (Billing, 2001; Weaver, 2011). Assim, as “piadas” de Bolsonaro podem ser vistas como parte de práticas e discursos que buscam perpetuar um modelo de masculinidade hegemônica e excludente, pois ao reproduzir representações depreciativas de grupos historicamente oprimidos, ele reforça a ideia de que esses membros não são atores sociais competentes, desqualificando-os para uma participação mais ampla na sociedade, cultura e política (Moreira, 2020).

Este artigo busca compreender as estruturas de dominação presentes nas declarações misóginas e homofóbicas de Bolsonaro, disfarçadas de piadas. Para isso, foram analisadas seis falas com esse tipo de conteúdo proferidas por ele durante seu mandato presidencial. A análise do discurso foi realizada com base no método sociocognitivo de Van Dijk, que permite examinar as produções ideológicas e sociais presentes nos discursos. Além de avaliar os sentidos criados nesses discursos, analisou-se como eles dialogam com as ações de governo e os possíveis efeitos performativos dessas falas. De acordo com Van Dijk (2018), as análises do discurso devem levar em consideração tanto as estruturas textuais quanto as contextuais, sendo uma delas o contexto global, pois esse elemento indica como os discursos se encaixam em determinadas situações históricas e sociais, influenciando sua elaboração e capacidade de influência, por isso, o artigo se inicia com o exame do contexto da virilidade presente nas falas de Bolsonaro e como o humor se manifesta nessas “piadas”.

O “imbrochável” macho de verdade

Ao longo dos séculos, construiu-se um padrão normativo para a masculinidade que se baseia no estereótipo de que um homem deve ser fisicamente forte, sexualmente vigoroso, virtuoso e corajoso, exercendo domínio em várias áreas de sua vida (Bonfim, 2021; Courtine, 2013; Finchelstein, 2019). Esse modelo legitimou e naturalizou os privilégios e o status social masculino, com o homem que se encaixasse nesse padrão sendo considerado um bom líder, marido, pai e cidadão, relegando aqueles que não se encaixavam nesse padrão a posições de subserviência (Courtine, 2013; Nascimento, 2022).

A masculinidade centrada na virilidade levou à homogeneização dos papéis de gênero e da sexualidade masculina ocidental, servindo como uma estratégia para os homens manterem seu status hierárquico. No entanto, essa imagem do homem extremamente “macho” começou a ser questionada a partir do século XIX, devido a diversos fatores sociais, políticos e tecnológicos (Courtine, 2013). As revoluções tecnológicas alteraram as relações de poder no mercado de trabalho, pois as profissões mais valorizadas deixaram de depender exclusivamente do vigor físico, podendo ser exercidas com igual competência por mulheres (Gazalé, 2019). Isso abalou a posição de superioridade dos homens, que já não detinham mais os marcadores de produção e administração de riquezas historicamente controlados por eles (Bonfim, 2021). Além disso, por mais que durante o período entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, os governos totalitários tenham disseminado os ideais de virilidade, os conflitos bélicos do século XX levaram muitos a questionar diversos aspectos dela, pois os soldados passaram a ser confrontados com o medo constante da morte, encarando o fato de que a invulnerabilidade masculina era apenas um mito (Bonfim, 2021).

A partir desses eventos, observou-se uma redefinição das identidades sexuais a partir do final do século XX. Isso não significa que o padrão do homem viril tenha deixado de existir, mas que houve tentativas de reformulá-lo para atender às transformações sociais e garantir a manutenção das vantagens masculinas (Volks, 2021). Mesmo assim, parte dos homens sente que sua posição de superioridade tem sido progressivamente ameaçada. Homens amargurados por terem dificuldade de aceitar as mudanças socioculturais que ocorreram a partir do período pós-guerra passaram a fomentar uma raiva coletiva contra aqueles que questionam seu poder. Esse ressentimento se traduziu no apoio a figuras abertamente machistas que zombam de mulheres e homossexuais, ao mesmo tempo que se vangloriam de seus atos “viris” (Bonfim, 2021; Courtine, 2020).

O problema é que essa reação dos homens não é fruto somente da percepção de que sua posição de domínio está ameaçada, mas também da incapacidade de compreender que eles são incapazes de atender a todas as expectativas do que é ser um homem viril. Quando o indivíduo carrega consigo “esse ideal a qualquer preço, ele também leva em sua sombra o temor da vulnerabilidade corporal, sexual e moral” (Bonfim, 2021, p. 11). Isso os leva a adotar uma posição vingativa contra aqueles que consideram responsáveis por suas fraquezas. Esse sentimento de vingança leva diretamente a um processo de polarização, em que de um lado está a figura do homem viril contra todos aqueles que não se encaixam nesse estereótipo, como mulheres e homossexuais

(Nascimento, 2022). Esses homens passam a enxergar feministas e homossexuais como inimigos que devem ser combatidos, responsabilizando-os por seus problemas pessoais e sociais.

A arma do macho não é a pistola, mas sim o riso

Historicamente, uma das formas que os homens buscaram para manter sua posição de dominação foi através da agressividade física. Contudo, esse tipo de domínio passou a ser inaceitável em nossa sociedade. Além disso, outras formas de domínio, como o econômico e político, deixaram de ser um recurso exclusivo dos homens (Bonfim, 2021). Em resposta às mudanças socioculturais ocorridas nas décadas pós-Guerra, homens reacionários encontraram no humor politicamente incorreto uma maneira de reafirmar suas posições de dominação (Avelar, 2021).

A princípio, é preciso entender que o humor na política não é algo novo. Ele tem sido utilizado como uma ferramenta de contestação contra o poder daqueles que oprimem. Simplificando a realidade vivida, o humor permite que o indivíduo compreenda melhor as estruturas sociais de exploração em que está inserido, possibilitando assim questioná-las (Minois, 2003). Contudo, o elemento da transgressão, presente inclusive no humor, passou a ser reapropriado por movimentos reacionários, que o utilizam para racionalizar e justificar a desumanização das minorias, que tendem a ser seus principais alvos. Esses movimentos alegam que homens heterossexuais, brancos e de classe média estão sendo oprimidos, utilizando o humor politicamente incorreto como uma forma de combater as injustiças que acreditam sofrer (Empoli, 2020).

O elemento humorístico presente em muitos dos discursos de atores reacionários também serve como defesa de suas falas. Essa estratégia se baseia no fato de que o humor frequentemente é celebrado de forma positiva e considerado benigno (Billing, 2001). Essa linha de pensamento segue o raciocínio de que piadas são, antes de tudo, apenas expressões de humor, e o que as torna engraçadas é o formato delas, e não seu conteúdo. Dessa forma, o alvo da piada poderia ser trocado sem alterar o efeito cômico (Davies, 1998). Porém, essa defesa ignora que a construção dos sentidos de uma piada se baseia em crenças e sentimentos particulares de um grupo em relação a outro, e que tais ações reforçam certas disposições e atitudes em relação ao outro (Wolff et al., 1934). Desse modo, é possível afirmar que o humor pode ser também utilizado para promover a reprodução de relações de poder assimétricas entre diversos grupos sociais (Moreira, 2020).

Isso tende a ser feito por meio da ativação de determinados estereótipos já pré-estabelecidos no imaginário popular. Como Possenti (2021) explica, o uso desse artifício sempre está baseado em uma relação antagônica, na qual há a representação positiva de algum aspecto da identidade assumida pelo grupo que faz a piada, em comparação aos aspectos negativos ressaltados do grupo considerado seu oposto. Só que nem sempre essa relação antagônica é visível ou presente na piada, "e o efeito é a impressão de que o estereótipo é universal, que não tem condições históricas de produção ou, pelo menos, que essas condições não incluem efetivas relações de confronto com a alteridade" (Possenti, 2021, p. 56). Ou seja, a omissão do confronto entre grupos na piada tem como objetivo a naturalização de determinadas representações sociais, geralmente negativas.

Portanto, piadas, sátiras e brincadeiras podem reforçar certas disposições e atitudes em relação ao outro, uma vez que se baseiam em crenças e sentimentos já estabelecidos entre os membros de um grupo (Wolff et al., 1934). Moreira (2020) ainda complementa esse raciocínio ao evidenciar que os estereótipos negativos utilizados nesse tipo de humor tendem a desumanizar seus alvos, pois ao fazer isso, os indivíduos representados dessa forma passam a ser vistos como incompetentes para assumir posições de poder na sociedade.

Como se analisa uma piada

Para a realização deste estudo, foi escolhida a análise do discurso baseada no método sociocognitivo de Van Dijk. Este método permite examinar as produções ideológicas e sociais presentes nos discursos, considerando uma interface cognitiva que serve de ponte entre os aspectos sociais e o discurso (Van Dijk, 2018). A abordagem de Van Dijk trabalha com uma estrutura analítica triangular que envolve o discurso, a cognição e a sociedade. Segundo Van Dijk (2018), a consideração dos aspectos cognitivos do discurso é crucial, pois, se a situação social determinasse unicamente as estruturas discursivas, todos produziriam interpretações semelhantes. No entanto, as variações individuais são influenciadas pelas diferentes interfaces cognitivas. Assim, a análise do discurso busca identificar estruturas discursivas recorrentes, como estilo, figuras de linguagem e as mensagens ideológicas presentes.

Além de avaliar os sentidos criados nesses discursos, foi analisado como eles dialogam com as ações de governo e os possíveis efeitos performativos dessas falas. Butler (2009) destaca que a linguagem, quando repetida, tem efeitos sobre a realidade, podendo transformar ou produzir uma situação. A performatividade, por meio da linguagem, funciona

como um ritual capaz de naturalizar ideias, manter e impor normas. Antes de iniciar a análise dos discursos de Bolsonaro, é crucial abordar o contexto da virilidade presente em suas falas, bem como a forma como o humor se manifesta nessas "piadas".

Para alcançar os objetivos propostos neste artigo, foram analisadas seis falas misóginas e/ou homofóbicas de Bolsonaro proferidas durante seu mandato na presidência da República. Os seguintes critérios de seleção foram adotados:

Declarações feitas durante seus anos à frente da presidência da República.

Declarações noticiadas pela mídia tradicional.

Declarações em que Bolsonaro alegou ter sido uma brincadeira ou piada.

Os discursos não foram analisados em sua totalidade, mas apenas os trechos citados nas notícias. De acordo com Lago (2018), os discursos de Bolsonaro não apresentam um raciocínio contínuo ou bem-formulado; pelo contrário, consistem em mensagens curtas e desconexas com informações fragmentadas, como se fossem elaboradas para serem recortados e transformados em múltiplos conteúdos virais para a internet, como memes.

Com base nos critérios apresentados na introdução, chegou-se ao seguinte corpus de pesquisa (Quadro 1):

Quadro 1 – Corpus de pesquisa

Bolsonaro: "Meu salário bruto de presidente, não tô reclamando não tá, é R\$ 33 mil. Não tô reclamando, não. Tenho tudo de graça. Não gasto quase nada do meu salário. Quem gasta é a mulher. Inclusive, todo dia quando levanto ela me pede R\$ 5 mil". Apoiador: "Para o que ela quer 5 mil?" Bolsonaro: "Não sei. Nunca dei...Como ela falava muito alto comigo em casa, eu falei: tu vai aprender Libras. Aí ela aprendeu Libras".
Bolsonaro: "Ela [repórter Patrícia Campos Mello] queria um furo. Ela queria dar o furo a qualquer preço contra mim".
Bolsonaro: "Uma notícia boa para as mulheres, né. Se bem que notícia boa para as mulheres é beijinho, rosas, presentes, férias. É isso mesmo? Isso que vocês gostam? Eu também gosto".
Bolsonaro: "Agora eu virei boiola igual maranhense, é isso? Olha o guaraná cor de rosa do Maranhão. Quem toma esse guaraná vira maranhense".
Bolsonaro: "Cuidado, ivermectina mata bichas, hein? Toma cuidado"
Bolsonaro: "Eu tenho certeza que vai tomar...Tu não me engana!"

Fonte: Autor (2026)

Análise e discussão de resultado

De acordo com Van Dijk (2018), as análises do discurso devem considerar tanto as estruturas textuais quanto as contextuais. Em relação ao contexto, é necessário examinar dois níveis: o global e o local. O contexto global já foi analisado anteriormente, sendo agora necessário examinar os aspectos do contexto local das falas de Bolsonaro. Observou-se que essas falas ocorreram em diferentes situações comunicacionais, como lives semanais, conversas com apoiadores e entrevistas. Van Dijk (2018) esclarece que o contexto comunicacional pode afetar os estilos de linguagem utilizados. No entanto, o que se observa é que Bolsonaro sempre manteve uma linguagem simples, marcada por expressões coloquiais e xingamentos. Essa escolha comunicacional pode ser vista como parte de sua estratégia para estabelecer uma conexão com sua base eleitoral, pois, de acordo com as pesquisas de Rocha e Solano (2020), esses aspectos linguísticos expressam uma autenticidade valorizada por seus apoiadores.

Um aspecto importante a ser avaliado no contexto local são os interlocutores de Bolsonaro. Observou-se que, nos seis episódios analisados, embora tenham ocorrido em momentos e locais diferentes, seus principais receptores foram seus apoiadores. Isso é crucial para compreender o motivo pelo qual seus apoiadores defendem que suas falas são expressões humorísticas. Além de o humor ser um fenômeno cultural, é necessário avaliar o papel que o emissor assume, pois isso faz parte da negociação do que pode ser considerado engraçado ou não (Capelotti, 2022). Algumas figuras, ao se apresentarem como bobos, têm a licença para transgredir, sendo permitido a elas tratar certos assuntos com humor e ironia. Nesse sentido, a análise cenográfica realizada por Freitas, Antunes e Boaventura (2022) aponta que Bolsonaro tende a assumir o arquétipo do trickster ou do bobo da corte em seus discursos, especialmente em ambientes cercados de apoiadores, como é o caso dos discursos aqui analisados. Essa postura permite que suas falas sejam aceitas como piadas ou brincadeiras, mesmo quando tratam de temas controversos ou ofensivos.

Nos seis trechos analisados, é perceptível a presença de uma estrutura semelhante em todos eles: a depreciação do outro para a reafirmação da virilidade do homem. Uma das formas de fazer isso é recorrendo à ativação de estereótipos negativos já sedimentados no imaginário popular. Por exemplo, nos discursos 1 e 3, Bolsonaro afirma estereótipos de gênero ligados à figura feminina. Ao dizer que "quem gasta é a mulher" e que Michele "falava alto em casa", Bolsonaro reforça estereótipos amplamente divulgados pela mídia, nos quais a mulher apresenta algum tipo de descontrole, seja financeiro ou emocional

(Galarça & Freitas, 2014; Lopes, 2004). Além disso, ao associar a figura feminina a termos como "beijinho", "rosas", "presentes" e "férias", Bolsonaro reforça a crença de que a identidade da mulher é definida por sensibilidade e romantismo (Formiga, 2004). Embora esses dois estereótipos possam parecer opostos, na verdade, eles são complementares, pois, dentro da lógica machista, o descontrole feminino é visto como fruto de um excesso de sensibilidade (Barrett e Bliss-Moreau, 2009). Ao reforçar a ideia de que essas características são intrínsecas à personalidade feminina, Bolsonaro busca naturalizar o comportamento das mulheres como uma questão biológica e imutável.

Além disso, quando Bolsonaro afirma que o dinheiro gasto por sua esposa Michele vem do seu trabalho, ele reforça o estereótipo dos homens como provedores de suas famílias. Historicamente, a gestão e a produção de riqueza foram atribuídas aos homens, enquanto as mulheres foram relegadas à posição de cuidadoras do lar (Bonfim, 2021). De acordo com Davis (2016), a imagem dos homens em oposição às mulheres como donas de casa serve como um sistema de dominação e controle sobre as mulheres, promovendo o estereótipo de que as mulheres devem se concentrar nas tarefas domésticas e, portanto, impedindo sua ascensão social e participação no espaço público. Ambos os discursos apresentam expressões de sexismo hostil, colocando as mulheres em posições inferiores e demonstrando intolerância em relação ao seu papel como figuras de decisão e poder, avaliando-as com base em um padrão moral tradicional que as situa como responsáveis pelo lar (Formiga, 2004). Em ambos os casos, é perceptível o teor paternalista e competitivo nas falas de Bolsonaro, que apresenta a mulher como uma figura incapaz, cabendo ao homem ajudá-la e assumir posições de poder.

No discurso 2, Bolsonaro recupera a questão de que as mulheres deveriam apresentar um comportamento moral ao utilizar um trocadilho com conotações sexuais para desqualificar a repórter Patrícia Campos Mello e questionar sua capacidade como jornalista. Essa estratégia, comum no machismo, usa a sexualidade para reduzir a condição feminina e desqualificar a mulher em qualquer segmento, sugerindo que o alvo da fala apresenta uma conduta sexual e moral inadequada (Bonfim, 2020; Silva & Rosado, 2020). Além disso, justifica a violência física ou simbólica contra as mulheres, pois, ao apresentarem um comportamento desviante do esperado dentro da lógica da virilidade, a reação natural do homem seria agir contra elas, transformando-as de vítimas em culpadas pela própria fatalidade (Albuquerque Júnior, 2010). No discurso 1, ao afirmar que Michele "fala demais", Bolsonaro implica que, por serem "tagarelas", as mulheres levam ao limite a paciência do interlocutor masculino, o que justificaria a violência que possam sofrer (Souza e Figueira,

2017). Essa ideia é reforçada quando Bolsonaro diz que mandou Michele aprender Libras, implicando que ela poderia "falar" o quanto quisesse sem incomodá-lo.

Os discursos 4, 5 e 6 abordam a questão da virilidade ao apontar comportamentos considerados inadequados para o padrão do homem viril. Nesses discursos, expressões e palavras como "boiola" e "viado" são usadas para indicar que determinadas atitudes seriam características de um homossexual. Como explicam Rohm e Pompeu (2014), a homofobia, além de ser uma expressão de intolerância, pode ser vista como uma estratégia de controle e dominação. Historicamente, o processo de normalização desse tipo de masculinidade ocorreu pela subjugação de outras formas de masculinidade, caracterizando-as como desviantes do ideal (Yukawa da Silva, 2020).

No discurso 4, isso é feito mediante a associação entre a cor rosa e a feminilidade, uma tática que remonta aos grupos conservadores da década de 1980, que buscavam reafirmar valores questionados pelos movimentos feministas (Paoletti, 2012). Embora essa associação entre cor e gênero seja considerada antiquada e questionável, Baliscei (2020) esclarece que essa ideia tem sido utilizada por grupos conservadores que buscam reafirmar os papéis tradicionais de gênero. Assim, na lógica de Bolsonaro, homens que bebem Guaraná Jesus, que é da cor rosa, tenderiam a assumir papéis femininos na sociedade, e isso seria passível de ser considerado como uma atitude de homossexual.

Nos discursos 5 e 6, Bolsonaro utiliza uma estratégia de autoafirmação de sua virilidade ao questionar a sexualidade de seu interlocutor. No discurso 5, ele faz isso por meio do trocadilho entre a palavra "bicho", comumente usada para se referir a parasitas tratáveis com ivermectina, e "bicha", uma forma pejorativa de indicar homens com comportamento afeminado. No discurso 6, Bolsonaro adota duas abordagens. Primeiro, ele parte do pressuposto de que uma das características do homem viril é a coragem (Nascimento, 2022), sugerindo que aqueles que tomam a vacina contra a varíola dos macacos têm medo de morrer e, portanto, não seriam homens "de verdade". Esse pensamento é consistente com declarações feitas durante a pandemia de Covid-19, quando Bolsonaro afirmou que o Brasil precisava "deixar de ser um país de maricas" e enfrentar a pandemia "de peito aberto". Essa afirmação reflete claramente a mesma ideia presente no discurso 5, utilizando a homofobia e a desvalorização da prudência como formas de exaltar uma masculinidade tóxica.

A segunda abordagem é mais problemática, pois reforça e resgata estereótipos negativos sobre os membros da comunidade LGBT. Na época em que fez essa declaração, o diretor regional da OMS na Europa, Hans Henri P. Kluge, afirmou que o surto da varíola

do macaco era causado pela transmissão por “meio de redes sociais conectadas principalmente por meio de atividade sexual, envolvendo principalmente homens que fazem sexo com homens”. A fala de Kluge permite fazer um paralelo com o surto de casos de HIV que ocorreu na década de 1980. Nessa época, a mídia internacional reportou a doença como algo exclusivo da população masculina homossexual, levando muitos a crer que ela seria um tipo de “câncer gay” e um castigo merecido àqueles que apresentam comportamentos divergentes (Sousa, Ferreira e Sá, 2013; Sontag, 2007). Com base nessas informações, é possível afirmar que, durante a pandemia de AIDS, foi estabelecido um modelo mental que associava doenças sexualmente transmissíveis à população LGBTQIA+.

Na sua declaração, Bolsonaro reacendeu esse modelo mental ao fazer uma piada que sugere que apenas pessoas que apresentam um comportamento sexual que não se encaixa em um padrão heteronormativo de virilidade precisam se preocupar com a doença e, portanto, ele, um homem “de verdade”, não precisa se preocupar em tomar a vacina contra a varíola dos macacos. Essa fala reforça a ideia de que o comportamento sexual divergente seria a causa de doenças e, conseqüentemente, mantém a associação entre doenças sexualmente transmissíveis e a população LGBTQIA+.

Há uma leitura subjacente que permeia todos esses discursos: os membros desses grupos minoritários não são agentes sociais competentes e são incapazes de atuar de maneira eficiente na esfera pública, e, portanto, suas opiniões devem ser desconsideradas e suas necessidades administradas por outros. A consequência disso é que o teor misógino e homofóbico das piadas de Bolsonaro não está apenas no plano discursivo, mas também contribui para a construção dos sentidos sociais sobre esses grupos, de tal modo que eles passam a ser naturalizados e reproduzidos pela população (Butler, 2009). O fato de Bolsonaro declarar publicamente discursos de ódio contra mulheres e membros da comunidade LGBTQIA+ pode ser compreendido como um dos fatores que contribuíram para o aumento dos casos de violência contra essas pessoas nos últimos anos, segundo Da Silva (2020), “a propagação de mensagens e postagens com conteúdos que incitam e fortalecem o desprezo contra as minorias gera violência e discursos agressivos” (p. 29).

No entanto, as piadas que exaltam a virilidade não geram somente violência, elas também possuem consequências negativas para os próprios homens. O modelo de masculinidade ideal presente nessas piadas pode influenciar diretamente a saúde masculina. De acordo com o relatório “Masculinidades y salud en la región de las Américas”, os homens na região latina possuem uma expectativa de vida cerca de 5,8 anos menor em

comparação com as mulheres, sendo que a principal causa de mortalidade masculina é externa, seja por acidentes violentos, uso excessivo de drogas, entre outras. Bonfim (2019) e Brito (2022) afirmam que essa expectativa de invulnerabilidade masculina presente no padrão de virilidade pode levar muitos homens a rejeitarem práticas preventivas de saúde, contribuindo para esses índices alarmantes. Dessa forma, quando Bolsonaro reforça esse estereótipo de "macho", ele naturaliza e legitima esse modelo comportamental que pode ser fatal para muitos homens.

Além disso, a nomeação da pastora evangélica Damares Alves como ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos durante o governo Bolsonaro é vista como uma medida preocupante. Cunha (2020) argumenta que Damares atuou para impor modelos de conduta para homens e mulheres que correspondam aos valores conservadores que ela defende. Durante o período em que esteve à frente do Ministério, Damares aliou-se a grupos que defendiam a reintrodução de tratamentos de reorientação sexual ou de conversão de gênero, o que coloca as sexualidades não heteronormativas como uma doença mental (Cunha, 2020). Tal alinhamento político é coerente com as declarações de Bolsonaro, que frequentemente associa a homossexualidade a um desvio comportamental.

O governo Bolsonaro também desmontou políticas voltadas para a população feminina e propôs 94% menos recursos para o combate à violência contra a mulher. De acordo com o Boletim de Políticas Sociais do Ipea, o governo buscou uma "nova política para as mulheres", baseada em uma moralidade religiosa e valores tradicionais de gênero. Além disso, a flexibilização da posse de armas de fogo é uma ação que expressa a busca por um ideal de virilidade, reforçando estereótipos masculinos e incentivando a violência. Segundo Santos (2012), a narrativa da legítima defesa utilizada pelos defensores da pauta armamentista está ligada à construção social de que é responsabilidade do homem proteger os mais fracos, mas também a uma fetichização do discurso bélico como solução para seus problemas, sejam reais ou imaginários.

Considerações finais

Por que rimos de uma piada com teor preconceituoso e ofensivo? As explicações variam: alguns dirão que é o formato no qual ela é apresentada, outros que se deve aos sentimentos que ela nos desperta. Possenti (2021) avalia que o efeito humorístico de uma piada se deve a uma confluência de fatores; porém, não se deve ignorar que uma piada só faz sentido devido ao contexto e às referências culturais presentes nela. O humor é um fenômeno cultural e socialmente construído, e, por mais que piadas e brincadeiras possam

parecer atitudes banais e parte do nosso cotidiano, não devemos esquecer que elas podem revelar valores, crenças e normas que permeiam uma determinada sociedade.

A partir da análise feita, observou-se que Bolsonaro, durante seu mandato presidencial, buscou tratar pautas sociais sob uma perspectiva ofensiva com um tom irônico e jocoso. Por mais que se diga que esses tipos de fala eram só expressões de um humor retrógrado, é preciso considerar que elas também fazem parte de uma estratégia de comunicação que busca perpetuar preconceitos e discriminações. No caso da virilidade, há uma tentativa de reforçar estereótipos com base em uma lógica de masculinidade viril, que contribui para a manutenção de uma cultura patriarcal que perpetua desigualdades de gênero e violações de direitos.

É importante reconhecer o papel do humor na ascensão de movimentos políticos de extrema direita, especialmente quando ele é utilizado para disseminar discursos de ódio e intolerância. A falta de estudos sobre esse tema pode levar a diagnósticos incompletos e à subestimação da capacidade de mobilização desses movimentos, uma vez que, por muitos anos, as falas "engraçadas" de Bolsonaro eram vistas apenas como parte de seu personagem folclórico. Apesar de Jair Bolsonaro atualmente estar inelegível, ele não é o único ator político do campo da extrema direita que usa o humor para transmitir pensamentos retrógrados. Portanto, a análise das formas de humor utilizadas pelas culturas reacionárias, que se escondem atrás da cultura do politicamente incorreto, como é o caso de Bolsonaro no Brasil, é essencial para compreendermos as dinâmicas políticas contemporâneas.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafios para o encontro das diferenças**. In: MACHADO, C. J. S.; SANTIAGO, I. M. F. L.; NUNES, M. L. S. (org.). *Gênero e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares*. Campina Grande: EDUEPB, 2010. p. 21-34.

AVELAR, Idelber. **Eles em nós: retórica e antagonismo político no século XXI**. 2ªed. Rio de Janeiro: Record.

BALISCEI, João Paulo. **Abordagem histórica e artística do uso das cores Azul e Rosa como pedagogias de gênero**. Revista Teias. v. 21, ago. 2020, p. 223-244.

BARRETT, L. F., & BLISS-MOREAU, E. (2009). **She's emotional. He's having a bad day: Attributional explanations for emotion stereotypes**. *Emotion*, 9(5), 649–658.

BERGSON, Henri. O riso: **Ensaio sobre o significado do cômico**. Tradução e notas: Maria Adriana Camargo Cappello. 1ª ed. São Paulo: Edipro, 2018.

- BILLIG, Michael. (2001). **Humour and Hatred: The Racist Jokes of the Ku Klux Klan**. Discourse & Society - DISCOURSE SOCIETY. 12. 267-289. 10.1177/0957926501012003001.
- BONFIM, F. G. (2021). **Declínio viril e o ódio ao feminino: entre história, política e psicanálise**. Revista Periódicus, 1(13), 09–24.
- BRITO, Leandro Teófilo de. **“ENFRENTAR O VÍRUS COMO HOMEM E NÃO COMO MOLEQUE”:** **QUANDO A MASCULINIDADE TÓXICA SE TORNA GENOCIDA**. Revista Docência e Cibercultura, [S.l.], v. 6, n. 2, p. 150-162, abr. 2022. ISSN 2594-9004.
- BUTLER, Judith. **Lenguaje, poder e identidad**. Madrid: Síntesis, 2009.
- CAPELOTTI, João Paulo. **O humor e os limites da liberdade de expressão: teoria e jurisprudência**. – São Paulo: Editora Dialética, 2022.
- COURTINE, J.-J. **Impossível virilidade**. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.; VIGARELLO, G. (org.). História da virilidade: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Rio de Janeiro: Vozes, 2013. v. 3, p. 7-12
- CUNHA, Leonam Lucas Nogueira. **"A Antipolítica De Gênero No Governo Bolsonaro E Suas Dinâmicas De Violência"**. Revista De Estudios Brasileños 7, no. 14 (2020).
- DA SILVA, Rannyyelle Andrade. **Discurso de ódio e o fortalecimento da violência dentro e fora das redes sociais**. Artigo apresentado no Congresso Brasileiro Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero, no Grupo Temático: Construções Linguísticas e Resistência: A língua como espaço político, no período de 06 à 08 de Setembro de 2019.
- DAVIS, A. **Mulher, raça e classe**. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2016.
- EMPOLI, Giuliano da. 2020. **Os engenheiros do caos**. Tradução de Arnaldo Bloch. São Paulo: Vestígio.
- FIGUEIREDO, C. **Porque rimos: um estudo do funcionamento do humor na publicidade**. Comunicação & Sociedade, v. 33, n. 57, p. 171-198, jan./jun. 2012.
- FINCHELSTEIN, Federico. **Do fascismo ao populismo na história**. São Paulo: Almedina, 2019.
- FORMIGA, N. S. **As bases normativas do sexismo ambivalente: a sutileza do preconceito frente às mulheres à luz dos valores humanos básicos**. In: _____. MARCUS E. O. et al. (Org.). Estereótipos, preconceitos e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas. Salvador: UFBA, 2004. p. 259-276.
- FREITAS, Ernani Cesar de, ANTUNES, Fernando Simões e BOAVENTURA, Luis Henrique. **O rei e o bobo da corte: cenografia, [e] those arquétipos no discurso presidencial**. Galáxia (São Paulo) [online]. 2022, v. 47.
- GAZALÉ, O. **Futuro do feminismo depende da reinvenção de masculinidade**. [Entrevista cedida a] Fernando Eichenberg. Folha de S. Paulo, São Paulo, 9 mar. 2019.
- LAGO, Miguel. **Bolsonaro fala outra língua**. piauí, 13 ago. 2018. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/bolsonaro-fala-outra-lingua>.
- MINOIS, G. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.
- MOREIRA, Adilson. **Racismo Recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

NASCIMENTO, Myllena Araújo do. **Acontecimento da trollagem na ordem do discurso político brasileiro: limites entre o humor e o discurso de ódio**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Linguística. João Pessoa, 2022.

PAOLETTI, Jo B. **Pink and Blue telling the boys from the girls in America**. Bloomington: Indiana. University Press, 2012.

POSSENTI, S. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Margem da Palavra, 2021.

ROCHA, C.; SOLANO, E. **Bolsonarismo em crise?**. Friedrich-Ebert-Stiftung Brasil, jun. 2020. Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/16277.pdf>>. Acesso em: 16 mai. 2024.

ROHM, R. H. D.; POMPEU, S. L. E. **A homofobia como valor determinante nas práticas discriminatórias para a produção de subjetividades**. Psicologia Política, v. 14, n. 30, p. 347-365, 2014.

SANTOS, Rita. **“Cidadãos de bem” com armas: Representações sexuadas de violência armada, (in)segurança e legítima defesa no Brasil**. Revista Crítica de Ciências Sociais [Online], 96 | 2012.

SILVA, Marluce Pereira da; ROSADO, Cid Augusto da Escóssia. **“O FURO A QUALQUER PREÇO”: PRÁTICAS DISCURSIVAS DE PODER E RESISTÊNCIA ANTE ATITUDES MACHISTAS EM CENÁRIO DE DEMOCRACIA FRÁGIL**. Trabalhos em Linguística Aplicada [online]. 2020, v. 59, n. 3, pp. 2050-2070.

SONTAG, Susan. **Doença como metáfora/Aids e suas metáforas**. São Paulo: Editora de Bolso, 2007.

SOUSA, B. B. de; FIGUEIRA, M. D. **A Representação da Mulher em Textos Humorísticos: uma análise do gênero piada á luz da pragmática**. PERcursos Linguísticos, [S. l.], v. 7, n. 15, p. 92–106, 2017.

SOUSA, Patricia Juliana de, FERREIRA, Luiz Oscar Cardoso e SÁ, Janilson Barros de. **Estudo descritivo da homofobia e vulnerabilidade ao HIV/Aids das travestis da Região Metropolitana do Recife, Brasil**. Ciência & Saúde Coletiva [online]. 2013, v. 18, n. 8, pp. 2239-2251.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto. 2018.

VOLKS, Douglas Josiel. **Virilidade e os discursos masculinistas: um “novo homem” para a sociedade brasileira**. Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro) [online]. 2021, n. 3.

WEAVER, S. **Jokes, rhetoric and embodied racism: a rhetorical discourse analysis of the logics of racist jokes on the internet**. Ethnicities, 11(4), 2011.

WOLFF, H. A.; SMITH, C. E.; MURRAY, H. A. **The Psychology of Humor: a Study of Responses to Race-Disparagement Jokes**. Journal of Abnormal and Social Psychology, v. 28, p. 341-365, 1934.

YUKAWA DA SILVA, Morgan. Hospitalidade x Hostilidade: **Os japoenses e seus descendentes no Brasil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação Tecnológica em Hotelaria) – Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Turismo e Hotelaria, Niterói, 2020

DADOS DE PUBLICAÇÃO

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: D.K. Namise

Coleta de dados: D.K. Namise

Análise de dados: D.K. Namise

Discussão dos resultados: D.K. Namise

Revisão e aprovação: D.K. Namise

ORIGEM DA PESQUISA

O presente artigo é oriundo da seguinte dissertação de mestrado: NAMISE, Daniel Kei. Bolsonaro, o presidente que trollou o Brasil: um estudo sobre a trollagem como uma estratégia de comunicação política. Dissertação (Mestrado em Comunicação) — Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2023. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/82067>.

USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

O autor utilizou o ChatGPT (GPT-4) para revisão gramatical do texto em inglês. Todo o conteúdo argumentativo foi desenvolvido integralmente pelo autor.

FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

CONFLITO DE INTERESSES

A pessoa autora declara não haver interesses conflitantes.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA E OUTROS MATERIAIS

Os dados completos foram publicados no próprio artigo. Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo está incluído no corpo do artigo.

LICENÇA DE USO

As autorias cedem à revista Estudos em Jornalismo e Mídia os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença [Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Essa licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. As autorias têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade das pessoas autoras, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Daiane Bertasso Ribeiro
Flávia Garcia Guidotti
Rogério Christofolletti

HISTÓRICO

Recebido em: 27-05-2024
Aprovado em: 26-04-2026
Publicado em: 22-06-2026